4

Metodologia

4.1

Metodologia naturalista: produção da fala espontânea

O presente estudo fez uso de dados naturalistas ou ecológicos coletados para um estudo longitudinal (Martins, 2007). Um estudo naturalista envolve observações de um dado comportamento, sem interferências (ou com interferência mínima) por parte do pesquisador. Em estudos longitudinais, as observações, feitas de forma sistemática, são realizadas em intervalos regulares de tempo, por determinado período. Os estudos longitudinais sobre a produção espontânea da fala pela criança são muito utilizados e têm como fim registrar a ocorrência de diferentes manifestações gramaticais ou de padrões de interação no comportamento da criança em seu ambiente lingüístico. Uma vez que a coleta de dados – realizada em ambiente familiar – é feita por um período longo de tempo, tal tipo de investigação é, em geral, conduzido com um número reduzido de crianças.

Segundo Demuth (1998), os primeiros trabalhos sobre aquisição da linguagem se deram por meio de estudos diários longitudinais, nos quais pais documentavam o desenvolvimento gramatical e/ou lexical de seus filhos. Com o surgimento da tecnologia de gravação, a coleta de amostras da fala espontânea infantil tornou-se possível, permitindo um aumento significativo tanto da quantidade de material coletado, quanto dos tipos de investigações que poderiam ser conduzidos, seja no âmbito do desenvolvimento da competência lingüística, das habilidades cognitivas gerais ou do papel do *input*.

Em geral, os estudos de produção espontânea ocorrem na casa da criança e não em laboratórios tratados acusticamente por dois motivos: o primeiro é que os fenômenos lingüísticos investigados são, geralmente, de natureza morfológica, sintática ou semântica e não fonológica ou acústica. O segundo é que a criança tende a conversar mais e a fazer uso de construções gramaticalmente mais complexas em ambiente familiar. Por este motivo é que os dados de produção espontânea envolvem, em sua maioria, a interação mãe-criança.

4.1.1

Estudo da produção da fala espontânea

No presente trabalho, os dados da produção espontânea de duas crianças, extraídos do estudo longitudinal de Martins (2007), serão considerados como um todo, não sendo feita uma análise ao longo tempo, isto é, em termos de estágios de aquisição (como realizada pela autora), devido aos objetivos aqui propostos. A produção espontânea da fala de duas crianças na faixa etária de 1;5 a 2;5 foi registrada por meio de gravações regulares semanais por aproximadamente 15 minutos. Estes dados, transcritos, deram origem a um corpus de 4.148 enunciados da participante ENY e 346 da participante JES que foram tomados como material da presente análise.

4.2

Metodologia experimental

A presente pesquisa também foi conduzida por meio da metodologia experimental utilizada na investigação psicolinguística em aquisição da linguagem, com vistas ao teste de hipóteses ou verificação de possíveis efeitos de variáveis previamente definidas. Primeiramente, estabelecem-se as variáveis manipuladas (independentes) e as variáveis dependentes, com base nas quais o efeito das primeiras pode ser avaliado para o teste de hipóteses. No presente estudo, o efeito das variáveis independentes foi verificado por meio do total de acertos obtidos em cada condição experimental, bem como por meio da análise da distribuição de formas alternativas a estes.

Os dados obtidos nos experimentos foram tabulados e analisados estatisticamente em função do *design* experimental: para uma variável, o teste-t foi utilizado, para mais de uma variável, foram utilizadas análises da variância (ANOVAs). Para os casos em que apenas duas respostas eram possíveis (SIM ou NÃO), o teste empregado foi o binomial. Testes-t também foram utilizados post-hoc, com o fim de avaliar a significância de tendências observadas na distribuição dos dados.

O nível de significância estipulado para cada um destes testes foi de $p < .05$, tal como é a prática na pesquisa em ciências cognitivas.

4.2.1

Técnicas utilizadas nos experimentos

A técnica empregada nos Experimentos 1 e 2 (relativos à percepção e à produção do subjuntivo) detalhada, a seguir, foi a de Imitação/Produção Eliciada. Esta técnica consiste na apresentação auditiva ou visual de um fragmento de enunciado lingüístico, que deverá ser repetido ou completado de modo a compor uma sentença. Neste tipo de técnica, tanto o tipo de complemento produzido como o tempo de formulação de tal resposta pode ser a variável dependente. A seguir, uma breve explanação sobre esta técnica.

No decorrer do desenvolvimento, a imitação de um comportamento, seja ele lingüístico ou não, só se faz possível quando a mente da criança apresenta a estrutura cognitiva necessária para tal. Assim sendo, a imitação não representa mera cópia passiva, mas uma reconstrução de um estímulo, reflexo da competência cognitiva da criança (Lust, Flynn & Foley, 1998).

A imitação eliciada, como uma técnica de pesquisa de cunho experimental utilizada no estudo da aquisição da linguagem, foi defendida originalmente em Slobin & Welsh (1973) e vem confirmando o fato de que a habilidade infantil em repetir sentenças (gramaticais ou agramaticais) pode evidenciar o sistema lingüístico que a criança está utilizando. Isso permite a análise de construções gramaticais específicas em determinado momento, já que neste processo, a criança precisa construir estruturas e estabelecer ordem linear, o que reflete sua competência gramatical.

A consideração de Friedmann (2007) de que a tarefa de repetição permite que se abra uma janela para a observação das habilidades sintáticas da criança, uma vez que esta só é capaz de repetir estruturas que já tenha adquirido, dá suporte adicional à seleção da técnica de imitação eliciada para o Experimento 1¹. Em adição, um estudo de Corrigan & Di Paul (1982), que confrontou a produção das mesmas relações semânticas (objeto, ação, agente, posse, recorrência, instrumento, entre outras) tanto na fala espontânea da criança quanto por meio da imitação eliciada, corrobora a vantagem do uso desta técnica para a investigação da aquisição do subjuntivo.

¹ Ver capítulo 6.

Corrigan & Di Paul (*op. cit.*) descobriram que a imitação eliciada é particularmente útil para eliciar relações que tendem a ser infreqüentes na fala espontânea, ainda que dentro da competência cognitiva da criança, uma vez que em seus experimentos, ficou claro que as relações semânticas mais fáceis, isto é, aquelas que aparecem com relativa freqüência na fala espontânea da criança, são as menos adequadas para serem repetidas em uma tarefa de produção eliciada, uma vez que esta se torna monótona para a criança. O oposto também se verifica: com formas menos freqüentes na fala espontânea, a criança se mostra mais motivada na tarefa de repetição. Em outras palavras, Corrigan & Di Paul (*op. cit.*) assumem que as crianças podem não imitar ações mais difíceis por estarem além de suas capacidades cognitivas. Por outro lado, podem não imitar ações mais fáceis porque, se uma ação torna-se fácil de imitar, perde sua qualidade de incentivo. Segundo as autoras, vários outros pesquisadores defendem a idéia de que um estímulo serve para motivar a criança de modo que ações que se encontram em uma baixa posição na hierarquia de respostas prováveis da criança, movam-se para uma posição mais alta.

Também, segundo Corrigan & Di Paul (*op. cit.*), se uma construção é infreqüente ou se está ausente da fala infantil, é difícil saber se a criança pode produzi-la, mas decide não fazê-lo ou se tal construção está além de suas capacidades lingüísticas. No caso da presente pesquisa, pode-se pensar se a baixa exposição da criança a produções do subjuntivo pelos adultos que a cercam² não seria uma outra causa para a infreqüência ou ausência deste *modo* verbal na fala infantil, uma vez que o subjuntivo está se tornando cada vez menos freqüente no PB em sua modalidade oral³. Portanto, a técnica de imitação eliciada, neste caso, mostra-se bastante pertinente.

No que diz respeito ao Experimento 2⁴, do mesmo modo que uma criança só é capaz de repetir estruturas que já tenha adquirido, presume-se que ela só seja capaz de produzir aquilo para o qual já está cognitiva e lingüisticamente preparada. Por este motivo, a produção eliciada foi a técnica escolhida para este experimento.

² Cf. capítulo 5.

³ Cf. capítulo 2.

⁴ Ver capítulo 6.

Por último, para o Experimento 3, e posteriormente o 4⁵, adotou-se uma tarefa de compreensão em que a criança apenas precisasse responder SIM ou NÃO às perguntas formuladas, com vistas a avaliar a compreensão de formas dos *modos* subjuntivo e indicativo na morfologia.

Assim, a pressuposição que norteou a escolha de tais técnicas foi: “de acordo com o padrão de resposta da criança (alvo ou formas alternativas), ter-se-á um panorama de sua dificuldade com a morfossintaxe do subjuntivo, indicando o estado da aquisição deste *modo* para a criança. Se o subjuntivo for uma ‘estrutura problemática’, pode ser que ele não se encontre disponível para a criança neste ponto do seu desenvolvimento lingüístico”.

Vale ainda ressaltar que, no que diz respeito à elaboração dos estímulos para os experimentos aqui descritos, não foi perdida de vista a idéia (cf. capítulo 2) de que a marca da distinção de *modo* para a criança seja o ambiente sintático, por meio das orações completivas e das noções *realis* e *irrealis* expressas pelos verbos destas, em face à neutralização pela qual o subjuntivo vem passando: assim, todos os estímulos seguiram estes padrões de estruturas.

⁵ Ver capítulo 7.